

Depoimento

*Alberto Merler**

Na África inteira é bem conhecida a titulação atual da Universidade de Dakar. Todos os colegas africanos a conhecem. Cada vez que eu pergunto a um deles a resposta é imediata: “Cheikh Anta Diop”. Então eu declaro com orgulho: “Eu conheci o professor Cheikh Anta Diop”. Conheci aquela “Alma da África” no momento em que, por motivos políticos, ele tinha sido afastado da vida pública do Senegal, depois da independência do país. Ele desfrutava tão somente dum pequeno espaço no IFAN, na própria Universidade de Dakar, mas continuava sendo na época uma das referências intelectuais mais importantes da África. Foi graças a isso que nas décadas seguintes procurei enviar pessoas àquela Universidade e orientar estudantes com relação aos estudos africanos.

Pois bem, foi graças ao professor Fernando Mourão que eu tive a possibilidade de conhecer o professor Cheikh Anta Diop e com ele ter demoradas conversas sobre a cultura africana, sobre as relações África-Brasil, sobre a descolonização, sobre o futuro do continente. Com o conhecimento e com o carinho que ele sabia comunicar. O encontro deve-se à minha presença na Universidade de Dakar, como professor visitante, em 1969.

Foi a época em que tive a oportunidade de conhecer também várias pessoas de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Angola, de São Tomé e Príncipe e de Moçambique que estavam procurando uma solução para sair da situação colonial em que se encontravam seus países.

No ano difícil de 1969 eu estava de saída para a Europa e o professor Mourão teve uma ideia ótima que me comunicou e que procurou concretizar.

* Professor titular de Sociologia na Universidade de Sássari (Itália) e diretor do Centro de Estudos Brasileiros e dos Países Lusófonos – CESB/Uniss.

Contou-me que desde vários anos o Itamaraty tinha assinado um convênio com o governo senegalês para o intercâmbio cultural Brasil-Senegal e que nunca este convênio fora utilizado na parte universitária. Nessas alturas eu era professor-assistente na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itapetininga e o nosso conhecimento vinha de longe: eu era ex-aluno dele na Escola de Sociologia e Política e na Faculdade de Ciências Sociais da USP, mesmo antes da existência do *campus* Butantã. Ele me indicou o caminho no relacionamento com o Ministério em Brasília e com a Embaixada do Senegal, que continuava no Rio de Janeiro. Aconteceu que inaugurei o convênio cultural Brasil-Senegal na parte interuniversitária e consegui ter o privilégio de conhecer aquele grande homem e símbolo da África que foi Cheikh Anta Diop.

Este acontecimento reforçou os contatos de amizade e de colaboração com o professor Fernando, durante a minha permanência na Itália e nas visitas constantes a São Paulo, sendo que uma vez o nosso encontro deu-se também em Lisboa, embora nunca acontecesse no chão africano. Com certeza, entretanto, os nossos projetos poderão favorecer mais encontros futuros na África.

Lembro-me de quando o professor Fernando contava para os alunos dele da amizade que em Lisboa ele tinha com os colegas estudantes das “colônias africanas”, sendo que ele mesmo era filho da “colônia Brasil”. Acho que foi naquele momento, na mocidade, que ele sentiu também ser vizinho da África. Ele sempre falou sobre África, mesmo antes de conseguir fundar e dirigir o Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. Um exemplo foi o da solidariedade humana com o Castro Soromenho, de quem ele publicou e difundiu o livro.

O meu depoimento vai no sentido de fortalecer o relacionamento entre África, Brasil e Europa nas Ciências Sociais e de falar simplesmente “muito obrigado” ao amigo Fernando.

Sássari, Itália, 14 de Outubro de 2011.